

E HOLLYWOOD CONQUISTA POMBAL: CINEMA E VIDA COTIDIANA

Helmara Giccelli Formiga Wanderley (PPGH-UFCG)
Antonio Clarindo Barbosa de Souza (Orientador – UFCG)

Palavras chave: Cidade – Modernidade - Cotidiano

De repente começou um tiroteio, os disparos eram em direção à platéia que tomada de espanto e, num rápido impulso jogou-se ao chão sobre um coro de gritos desesperados. Durante alguns segundos os disparos foram constantes e as fagulhas projetadas pelos disparos iluminaram aquele salão. Logo em seguida, um grande silêncio tomou conta do lugar, lentamente os espectadores, ainda assustados começaram a se erguer. Era hora de olhar se havia alguma vítima fatal.

_Todos estão bem! Gritou o jovem Barroso.

Realmente todos estavam bem, mas os olhos eram de espanto, alívio e encantamento... No final? O herói salvou a mocinha, as luzes se acenderam, a platéia embebida de emoção ergueu-se em palmas. “O cinema era a oitava maravilha! Tudo o que havia de bom”, afirma a Sra. Raimunda Santana Evaristo. Para outros, “o cinema era só diversão”. Sem dúvida Pombal nunca mais seria a mesma depois das películas cinematográficas.

A cena descrita acima se repetiu muitas vezes ao longo dos anos de 1950, arrancando risos e lágrimas dos habitantes da pequena Pombal. O filme era um far-west. Talvez “Matar ou Morrer” ou quem sabe “Moeda Quebrada”. Como essa cena muitas outras pegaram de surpresa o público desavisado das sessões de cinema. Assim ficaram registrados nas memórias dos frequentadores do “Cine Teatro Lux” o medo que o Barroso tinha dos cavalos que pareciam correr em sua direção, desaparecendo depois de atingir a borda da tela. Também não fugiram da lembrança dos pombalenses as cenas em que o trem ocupa a tela e investe em direção à platéia, que em algumas ocasiões saiu correndo. É impossível esquecer também “os beijos interrompidos pela ‘lanterninha de Galdino’, que não deixava ninguém namorar em paz”(SILVA, 2008).

Não há dúvidas de que a exibição de películas cinematográficas tenha fascinado ou quem sabe, espantado os habitantes de Pombal naqueles idos. Mais para além das experiências ocorridas na hora da exibição do filme, a prática de ir ao cinema modificou sobremaneira o cotidiano dos pombalenses dos mais diferentes segmentos sociais. Dessa forma, nos interessa também conhecer as novas sensibilidades provocadas por aquela aparelhagem moderna.

Fato é que desde os anos 40 do século XX os habitantes de Pombal já tinham contato com os filmes de cinema. As ocasiões em que as películas era projetadas era um grande acontecimento para a cidade, “uma vez que não havia televisão, não tinha muito o que o povo fazer para se distrair. Ai uma vez por semana, Seu Joquinha Queiroga, passava seus filmes para o povo de Pombal”(JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008).

A projeção dos primeiros filmes aconteceu no prédio do mercado público. Depois as sessões passaram a ser na Sede Operária. “Somente em 1954 Pombal ganhou um cinema de

verdade”(FELINTO, 2008). De fato, naquele ano, foi inaugurado em Pombal o “Cine Teatro Lux”, ocasião em que a elite pombalense rejubilou-se pela nova aquisição.

Sempre foi conhecido o povo de Pombal por estar à frente do seu tempo. Só quem não conhece para dizer o contrário. O povo daqui sempre acompanhou a melhor moda. Acompanhava tudo pelas revistas. E Recife tinha uma influência muito grande. Nem foi preciso o povo reivindicar nada. Seu Chiquinho viu que Pombal precisava de um Cinema Moderno e construiu. O povo de Pombal era um povo que só dava valor ao que era bom, a aquilo que tem qualidade. Sempre foi assim. Ai sim, o povo ficou muito envaidecido por que finalmente Pombal teria um cinema Moderno (QUEIROGA, 2004).

O prédio construído em estilo Arte-Déco era considerado na concepção dos habitantes daquela urbe, o que havia de mais moderno.

Em defesa dessa idéia o historiador pombalense Verneck Abrantes de Sousa em seu livro “Um olhar sobre Pombal Antiga (1906 a 1970)”, afirma: Seu Chiquinho Formiga construiu o melhor prédio cinematográfico do sertão paraibano” (SOUSA, 2002), o Cine Teatro Lux, localizado na esquina da Rua Jerônimo Rosado com a Rua João Pereira Fontes, bem no centro da cidade.

Outra pombalense que reforça essa imagem é a Sra. Maria Adélia Felinto que lembra-se que

Quando o cinema era lá no mercado, era uma coisa fraquinha, as pessoas tinham que levar as cadeiras para sentar porque não havia nenhuma estrutura. Ia assistir ao filme? Tinha que levar um tamborete para se acomodar. Ai depois seu Joquinha Queiroga mudou lá para a Sociedade Operária, aí melhorou um pouquinho porque lá tinha umas bancadas, mas os filmes eram velhos, sem qualidade, não tinha um telão não, era um pano branco onde ele projetava a imagem, isso antes de Seu Chiquinho Formiga que foi o primeiro a construir um prédio de cinema moderno para Pombal. Foi ele quem construiu esse prédio aqui. (...)O prédio era coisa de ‘cinema’ (risos)” (FELINTO,2008).

Mas não só os ricos aplaudiram a iniciativa de construir em Pombal uma sala de projeções cinematográficas “modernas”. Também os pobres celebraram a conquista daquela aparelhagem tecnológica. Afinal, nos discursos da elite o cinema atingiria a todos. E finalmente, “o povo de Pombal teria uma sala de cinema digna deles. Um lugar adequado para ver os filmes que eram produzidos nos Estados Unidos, no México e também os brasileiros” (QUEIROGA, 2004).

Mas claro que “o povo” é muita gente. Acreditamos que a Senhora Francisca Queiroga ao usar a palavra “povo” tenha se referido a um pequeno e seletivo grupo que constituía a elite daquela aldeia. Acreditamos que não havia uma preocupação em satisfazer as necessidades dos grupos populares, mas tão somente aos anseios da elite. Contudo, mesmo em face das dificuldades econômicas e das sanções sociais, também o populacho experimentou naqueles anos a magia do cinema, isso porque

as cenas da vida privada da maneira como são mostradas pelo cinematógrafo, cômicas ou trágicas apaixonam o público (...) A rapidez dos movimentos aumenta a impressão de vida. Ela é, as vezes tão intensa, que esquecemos a vulgaridade da história para nos divertirmos com os detalhes (PRIEUR, 1995, p. 35).

Assim é que em Tempos Modernos, um clássico de 1936, Charles Chaplin, arranca dos espectadores do mundo inteiro risos de situações trágicas: a exploração da classe operária e a miséria dos pobres, provocada pelo desenvolvimento da Indústria.

O Sr. Raimundo Formiga de Sousa, nos falou sobre as sessões de filmes do Charles Chaplin, mais conhecido por Carlitos.

No dia que era filme de Carlitos o cinema era cheio, era criança, moça, rapaz, adulto, tudo. Todo mundo gostava, ele era muito engraçado. Com um paletó velho, um sapato maior que o pé. Os pés eram um prum (sic) lado e o outro pro outro. E tinha aquela bengala que ele girava. O filme era mudo, mas agente só escutava era o barulho das risadas. Não tinha quem se agüentasse não. Era muito bom os filmes de Carlitos (SOUSA, 2008b)

Embora tenha se referido aos filmes de Charles Chaplin o Sr. Raimundo Formiga de Sousa não mencionou o nome, e tampouco destacou alguma cena que identifique algum dos filmes de Chaplin. Assim, perguntei se algum dos filmes havia se destacado por trazer um tema diferenciado, sua resposta foi: “não, todos os filmes dele eram mudos, preto e branco e de comédia. Eu mesmo gostava de todos, a gente bolava de rir” (SOUSA, 2008b).

Insatisfeita com a resposta que ouvi, insisti e perguntei se ele lembrava-se do filme Tempos Modernos?

lembro do nome, era um filme que passava muito, agora da história eu não lembro não, porque é como eu disse, os filmes de Charles Chaplin eram todos muito parecidos (SOUSA, 2008b).

Em face da tendência marxista que Chaplin deixava transparecer em suas obras, os filmes realmente apresentavam temáticas muito próximas, mas nas memórias de nosso colaborador... nenhum episódio. Assim, por mais que os filmes cinematográficos tentassem mostrar cenas da vida real, os movimentos dos atores, as cores e a velocidade em que as cenas do dia-a-dia eram projetadas não permitiam que os espectadores se identificassem com as histórias ali expostas. Eram as roupas, os móveis, a beleza dos artistas, os automóveis, os tropeções, o que mais chamava a atenção.

Dessa forma, o cinema ia conquistando um público cada vez maior, que buscava somente diversão. “Realmente o cinema era para todos!” Afirmou a Sra. Maria Adélia Felinto, e prosseguiu :

O cinema não era uma coisa cara não. Todo mundo podia ir. O ingresso era um tostão, dois Cruzeiros! Era muito barato. E não tinha esse negócio de primeira classe, nem de segunda classe não, nem de cadeira cativa. Quem chegasse primeiro sentava na frente e pronto (FELINTO, 2008).

Também a Sra. Zumira Ferreira Viana recorda-se que:

Todo mundo gostava de ir ao cinema. Eu mesma sempre ia. Meu pai que me criou sempre me deixava ir ao cinema. Era bom demais. O filme que eu mais gostava era Tarzan. Mas eu também vi outros filmes. Os filmes de faroeste era os que mais passavam e as chanchadas. Ai tinha uns tolos que ficavam desviando as balas (risos), gritando com medo... era muito divertido! (VIANA, 2008).

Havia sem dúvida, uma forte crença de que o cinema estava ao alcance de todos os pombalenses, mas não foi isso que nos disse a senhora Nira dos Nascimento que aos noventa e quatro anos de idade, lembrou-se tristemente que nunca esteve num cinema.

Toda vida eu ouvia o povo dizendo que o cinema era bom. Que os filmes eram de primeira. O povo falava coisas lindas, mas eu nunca fui ao Cinema, nem quando era no Mercado, nem nunca. Mas eu penso que era bom porque muita gente ia. Só quem não ia

era quem não podia pagar. Era caro! Só quem tinha dinheiro para ir era rico. Pobre mesmo não ia era pra lugar nenhum. O dinheiro era só pra comer. Agora eu pedi muito a meu marido pra levar eu no cinema. E ele não levou porque as condições não dava (NASCIMENTO, 20008).

O caso da Sra. Nira do Nascimento, nos revela um lado obscuro da modernização que a urbe vinha sofrendo desde os anos vinte do século passado. Ou seja, as melhorias técnicas não atingiam a todos os pombalenses, ou não atingia da mesma forma, e a exclusão de centenas de homens e mulheres desse processo era uma triste realidade em Pombal. Contudo, mesmo diante desse quadro o que se percebe é que havia entre os excluídos um forte desejo de partilhar das experiências modernizantes pelas quais a cidade passava.

Assim, já na primeira sessão o Cinema parece ter conquistado Pombal. De acordo com o Sr. José Cleônimo Formiga de Mouta, o primeiro filme exibido foi “A mulher que eu Amo”, um preto e branco de 1938 que trazia como atriz principal a bela Bárbara Stanwyck. Naquela noite, tanto a atriz como os atores, arrancaram dos pombalenses, gritos, aplausos, risos, suspiros e até beijos.

O filme era uma beleza! Era maravilhoso! O ator era muito bonito. Era lindo! Charmoso, bem vestido, parecia um príncipe. E a atriz também. E era (sic) as moças cochichando: _Ah, se fosse eu no lugar dela [da atriz]. Mas era só brincando. E tinha moça que ficava enciumada porque os namorados acharam a atriz bonita [risos]. Pois é... com ciúmes de uma atriz! E no dia seguinte...só se falava sobre o cinema aqui em Pombal (ZUMIRA, 2008).

Mas nem todos puderam prestigiar a estréia do cinematógrafo na terra de Maringá. A grande maioria dos habitantes daquela cidade não estava na sala do Cine Teatro Lux quando as luzes se apagaram e Luiz Gonzaga ascendeu ao palco cantando. Isso, contudo, não significa que os populares não estiveram presentes aquele acontecimento. Se não estavam presentes dentro da casa de espetáculos, fora, na frente do recém construído prédio sua presença era intensa. E ali também se desenrolaram inúmeras tramas sociais.

A Sra. Maria Adélia Felinto que também esteve presente à inauguração do Cine Lux, recorda-se que

No dia da inauguração foi uma festa! O povo todo chique. Era um luxo só. Logo o povo de Pombal sempre foi conhecido! Gostava de andar com o que havia de melhor. Ai no dia da abertura a cidade ficou muito movimentada. Na frente do prédio era aquela multidão de gente! Mas só quem participou da festividade da inauguração foi o povo mais rico. A elite, né? Agora depois, todos podiam ir ver os filmes. Aliás, todos queriam ir ao Cine Lux. Só que no primeiro dia foi só a “sociedade”(FELINTO, 2008).

Enquanto dentro do teatro alguns se emocionavam com a paixão que envolve os personagens do filme, fora daquele prédio inúmeros olhares se cruzavam, corações foram tomados também pela paixão. Dizendo de outra forma, o fato de não estar presente àquela sessão, não excluiu os populares das transformações cotidianas que aquela técnica iria provocar.

De fato,

Naquele dia, logo cedo, o povo era tudo se arrumando para ir pro cinema. Quando escureceu era aquela multidão na frente do cinema. Era só chegando gente. Ai ficou aquela fofoca, os flertes, as conversinhas. Depois, quando a difusora avisou, o povo entrou. Só os chiques. Quem não pôde entrar ficou ali, do lado de fora esperando o povo sair pra dizer como era o cinema. E o povo dizia” (EVARISTO, 2008).

Fica explicitado na fala da nossa colaboradora, o desejo que os populares tinham de participar do progresso técnico que a cidade passava. “Afim, quem é que não quer ser moderno?” indagou a Sra. Maria Adélia Felinto (2008). E ela responde: “Ah, o povo daqui toda vida teve essa tradição de ser moderno. Queria ser moderno a todo o custo. Era rico, era pobre, tudo” (FELINTO, 2008).

Mas para além do desejo de tornar-se moderno, o cinema impõe-se aos homens e mulheres daquela aldeia como um momento de lazer, um tempo desocupado dedicado à diversão, ou ainda uma tentativa de burla, uma recusa as limitações socialmente impostas, mais também uma oportunidade de conhecer novas pessoas, fazer amigos, descolar um namorado/namorada, ou simplesmente ver pessoas aparentemente felizes desfilando com seus trajes finos. Ir até a frente do Cine Teatro tem toda uma simbologia, muitas vezes só compreendida por aqueles que partilham dos mesmos códigos sociais.

Dessa forma, a prática de ir ao Cinema, seja para ver um filme, ou simplesmente para avolumar-se à frente da casa de espetáculos, são também ocasiões de fuga, momentos de esquecer os problemas e aliviar as tensões do dia-a-dia.

Os filmes exibidos no Cine Lux foram responsáveis também pela formação dos jovens que viveram aqueles anos. Assim, na memória do Sr. Raimundo Formiga de Sousa, “o cinema era uma maravilha!” E continua,

Como Pombal era uma cidade que quase não oferecia diversão, com o cinema pronto. Mal amanhecia o dia e já era a garotada os rapazes passando na frente do prédio ou lá no mercado para olhar qual era o filme que seria apresentado. Todo mundo, fosse rico ou pobre, ia ao cinema. Era bom demais. Aquelas pessoas bonitas na tela, tinha os namoros no escurinho e as coisas engraçadas... os bestas era se baixando com medo das balas. Teve um que correu com medo do cavalo (risos). E tinha o padre, que não perdia um filme. E ele sempre adormecia, ai quando ele acordava às vezes era na cena do beijo, ai sabe o que ele fazia? Ele dizia: _Ô vei macho! (risos). Com certeza se teve uma coisa boa em Pombal, foi o cinema, que era pro rico e pra o pobre (SOUSA, 2008b).

Mas ir ao cinematógrafo não era tão simples. Como lembra Nicolau Sevchenko: ir ao cinema, pelo menos uma vez por semana, vestido com a melhor roupa, tornou-se uma obrigação para garantir a condição de moderno e manter o reconhecimento social” (apud. SOUZA, 2002, p. 253).

Assim, é preciso frisar que embora as entradas fossem vendidas a um preço popular, ir ao Cine Lux era uma prática que custava caro. Pois, a preparação começava com a escolha da roupa, dos calçados, do perfume que seriam usados naquela ocasião. “A pessoa também tinha que ter dinheiro para amendoins, pipocas e sorvetes, que eram vendidos na sorveteria que ficava vizinha ao cinema e que era do mesmo dono” (ZUMIRA, 2008). Dessa forma, ir ao cinema era algo que realmente nem todos podiam pagar. Mas pagavam!

Em posse do dinheiro que os conduziria a sala de espetáculos, o dia se tornava para os pobres um vale-tudo em busca de roupas, sapatos, bolsas, perfumes etc.

As moças pobres ganhavam um vestido velho de uma, uma sandália de outra, arrumava uma coisa emprestada com uma pessoa, outra com outra e assim era toda vez que era pra sair pro cinema. Perfume bom? era assim: elas tomavam seu banho e vestiam uma roupa simples, ai iam na casa de uma mulherr que vendia perfume e dizia que foram olhar, como se fosse pra comprar, ai aproveitavam e já saiam perfumada, e sem comprar nada! (risos) E isso só para ir arrumadas pro cinema. Chega dava pena. Mas quem é que ia querer passar vergonha, né? E os homens também pediam às vezes um sapato emprestado, às vezes ganhava uma camisa usada, mandava engomar e saia todo chique (SOUSA, 2008b).

Já para os abonados?

Com certeza ir ao cinema era uma ocasião em que podíamos mostrar as roupas novas, os calçados que vinham do Recife, os perfumes Franceses que a gente ia passando e o cheiro ficando! Os homens também iam muito arrumados. Ir ao Cine Lux era uma coisa que ninguém da sociedade podia deixar de fazer. Ah, você precisava ver o luxo. Até paetês se usava (FELINTO, 2008).

No final da noite, depois do filme, a sensação de alguns era de que a noite valeu cada sacrifício. Para outros, ficava a impressão de que o esforço foi em vão. Assim, em alguns a noite fez florescer novas ou antigas paixões. Enquanto outros perderam-se nas ilusões trazidas pelo filme e voltaram para casa sozinhos.

Em face do exposto, não há duvida que a construção de um cinema era muito esperada pelos pombalenses dos mais variados segmento sociais. Contudo, nos chamou a atenção, a forma banal como algumas pessoas pertencentes à elite trataram, ou pelo menos falaram, sobre aquela prática.

Assim, quando perguntei a Sra. Francisca Queiroga o que ela sentiu quando foi pela primeira vez ao cinema em Pombal, ela respondeu:

Não senti nada. Era normal. Claro que eu estava feliz, foi um grande acontecimento para a Cidade a inauguração do Cine Teatro Lux, que ainda nem estava pronto. Mas eu achei uma coisa normal. Acho que todos achavam. (QUEIROGA, 2004).

Certamente nem todos achavam o cinema “uma coisa normal”, para a maioria da população aquela tecnologia era algo extraordinário, muito mais anormal do que pressupunha nossa colaboradora.

Também a Sra. Maria Adélia Felinto (2008), afirma não ter sentido nada.

A explicação para essa banalização do cinema por nossas rememoradoras está talvez no fato de que ambas já haviam freqüentado as salas cinematográficas em outras cidades, conforme nos informa a Sra. Francisca Queiroga: “Ah, mas eu já conhecia outros cinemas. Fui ao cinema em João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro... Eu adorava cinema. Era muito bom. Tinhas as fofocas. Era divertidíssimo!” (QUEIROGA, 2004).

Outra hipótese para essa banalização, é que talvez fosse uma condição de quem possuía status, de quem se considerava moderno, ignorar, ou pelo menos, aparentar não se encantar e/ou espantar com a experiência de ver projetada nas telas do Cine Lux a imagem da “locomotiva que investe com grande ímpeto em direção aos espectadores, o postigo que se abre sobre um assaltante, a planta que germina e que floresce...” (PRIEUR, 1995).

Essa percepção nos foi permitida a partir das memórias da Sra. Maria Adélia Felinto, que fazendo com a cabeça e com a boca um movimento de reprovação àquele tipo de atitude, afirma:

Não, ninguém ficava encantado com o cinema não. O povo gostava, mas ninguém precisava ficar admirado não. Até por que era uma coisa normal. Nunca houve esse tipo de coisa aqui em Pombal não. As pessoas iam, assistiam e pronto, não havia para que ficar dizendo que estava admirado, nem espantado não. Ir ao cinema era uma coisa como qualquer uma outra. Sempre foi (FELINTO, 2008).

Mas a prática de ir ao cinema com frequência nem sempre levava a sua banalização. A Sra. Francisca Dantas de Farias, lembra que

Eu sempre ficava encantada com o cinema. A primeira vez que fui ao cinema foi em Patos. Cromácio mandou eu me arrumar para ir ver um filme. Eu não fazia nem idéia do que era. Quando cheguei lá fiquei encantada. Era tudo muito lindo. (...)E quando o filme começou a passar assim no telão. Aquela coisa enorme... Eu fiquei não sei nem dizer. Só que depois eu adormeci. Eu sempre dormia no cinema. Mais era uma coisa maravilhosa. Quando foi aqui em Pombal, acho que foi do mesmo jeito. Era aquele horror de gente, na frente do prédio, pra lá e pra cá. Um luxo! E quando começou o filme foi aquela emoção. Parecia de verdade. Tinha uma cena dos carros sendo perseguidos: só parecia que ia sair da tela. Agora o filme que eu mais gostava era os documentários, adorei o filme que mostravam a construção do açude de Coremas, a inauguração de Brasília e quando mostrava os jogos de futebol. Era maravilhoso! Agente saia já com vontade de voltar (FARIAS, 2008).

Como aponta a Sra. Francisca Dantas de Farias o cinema também funcionou como meio de divulgação sobre o que acontecia no mundo. Esse gênero de filmes, os documentários, surgiu no Brasil nos anos 20. E tinha a função principal de educar as pessoas, informando-as sobre história, geografia, biologia, esportes, civilidade, etc. Claro que os outros gêneros, além de proporcionar lazer, também tinham função educativa, pois ainda que isso não estivesse explícito, o contato do público com os filmes e artistas educava-o para a vida social (SOUZA, 2002).

Se o cinema encantou a elite, não há dúvida que também os menos afortunados ficaram maravilhados com a exibição de filmes cinematográficos. O Cine Teatro Lux era aberto a todos aqueles que pudessem pagar.

Não havia cadeiras especiais, vendidas a preços diferenciados. Todos sentavam-se juntos, pobres e ricos, moças e rapazes. E ninguém ligava. A sessão mais barata era o domingo à tarde, na matinê. Nós colocávamos os filmes mais antigos, aí a sessão era 50% mais barata do que as sessões noturnas. E outra diferença é que a música que os colocávamos no domingo, antes e depois do filme na matinê era música popular, agora à noite era música clássica, as melhores músicas (MOUTA, 2008).

Sem dúvida o cinema estava aberto a todos. O problema aqui está na qualidade do cinema que era consumido pelos populares. Se não havia salas separadas para elite e popular, haviam as distinções nas sessões. Como o próprio José Cleoncio Formiga de Mouta falou, as sessões populares eram as domingadas, onde o filme era antigo e as músicas que antecediam as exibições das fitas eram como ele disse: músicas populares. Note aqui também um diferencial de peso. Música boa? Só à noite, ou para quem podia pagar. Desta forma, as ocasiões especiais eram quase sempre monopolizadas pelas pessoas mais abonadas, que antes de cada sessão podiam apreciar as mais belas canções do momento. Assim, enquanto os pobres assistiam os antigos preto e branco, as pessoas abonadas podiam ver seus astros e estrelas preferidas em cores.

Entretanto, o fato de assistirem as sessões mais baratas não pode ser entendido como indício de o pobre era submisso. Muito pelo contrário, a existência de uma sessão com preços populares era antes um indicativo de resistência a um processo modernizador extremamente excludente. Outro fato que deve ser evidenciado é que embora os filmes projetados fossem filmes antigos, quando algum deles se rompia os protestos eram constantes, obrigando o dono do cinema a restituir os valores da entrada aos consumidores. Essa consciência fez com que em poucos meses o problema fosse resolvido. “Os filmes eram antigos, mas de qualidade”, afirma o Sr. José Cleôncio Formiga Mouta. Assim, ninguém tinha porque reclamar.

O Cine Lux, diz a Sra. Rita Dantas:

Era bom demais. Antes de eu ir o povo já dizia que era bom, que era bonito. Era o maior divertimento. Tinha o matinê no domingo à tarde, eu não perdia nada! Era maravilhoso. O maior divertimento que tinha aqui em Pombal. Todo mundo ia. Não tinha esse negócio de separar pobre e rico não. Todo mundo que pagasse podia ir ver os filmes (DANTAS, 2008).

Já a Sra. Maria Adélia Felinto, recorda-se que:

Os melhores filmes passavam sempre no sábado à noite e no domingo. Nos outros dias eram filmes mais antigos. E quando os cantores iam fazer shows, só dava a nata da sociedade. Era o acontecimento da cidade. As pessoas, principalmente as de posses iam todas muito arrumadas, de sapatos novos, roupas novas, de truce. Ah, era uma disputa entre as moças para ver quem era a mais chique (FELINTO, 2008).

As moças e rapazes dos segmentos menos favorecidos, também marcavam sua presença nessas festividades. Por meio de táticas e estratégias alguns conseguiam burlar as regras e adentrar aqueles espaços.

Ah, andar com gente da sociedade era uma forma de a pessoa poder entrar nos lugares chiques, ir ver aos melhores filmes, porque os amigos não vão deixar você ficar do lado de fora. Agora espertas eram as moças. Algumas vinha se engraçando pro lado do cabra, ai quando entravam no clube, não queriam mais nem saber. Sempre tinha isso (SOUSA, 2008b).

Logo logo, artistas como Robert Taylor, Melyn Douglas, Burt Lancaster, Gabriell Woolf, John Buckler e Tom Mix passaram a fazer parte dos sonhos das jovens daquela cidade. Também os rapazes podiam apreciar a beleza de estraladas do cinema mundial. Igualmente, a aparição de Ava Gardner, Priscila Dean, Mary Pickford e Renata Fronzi, por exemplo, arrancaram suspiros dos rapazes daquela cidade, provocando inveja e até ciúmes nas jovens pombalenses.

Mas quem disse que os rapazes não se sentiam ameaçados pelas paixões avassaladoras que as moças sentiam pelos astros do cinema. Uma cena cômica, mas também trágica nos foi relatada pela Sra. Raimunda Santana Evaristo que primeiro identifica os personagens da cena real. O rapaz era João Gomes, agricultor, morador do sítio Saco do Moleque. A moça Raimunda das Chagas, somente.

Um dia os dois, Raimunda das Chagas e João foram pra o cinema. Ela era namorada dele. Ai ela foi, achando o artista bonito, se apaixonou por ele. E foi tão tola que disse a João. Ai ele com raiva, porque o artista ficava olhando (risos) pra Raimunda tirou o revolver e deu um tiro na tela (risos) (EVARISTO, 2008).

Se o bang-bang inspirou essa atitude, não temos certeza, contudo, nas ruas de Pombal a influencia do cinema era nítida. Enquanto as moças colecionavam as revistas que traziam seus artistas favoritos, as crianças se transformavam em super-heróis.

Amor, aventura, admiração, ciúmes, paixões, ódio, era algumas das sensações provocadas pela projeção dos filmes de cinema. A propósito, em 1956, o Cine Teatro Lux, foi vendido ao Sr. Afonso Mouta que não poupou esforços para transformá-lo no mais importante cinema do sertão paraibano, o Cine Lux (MOUTA, 2008).

Shows de artistas nacionais famosos tornaram-se freqüentes naquele salão. Assim, a elite pombalense e também os populares puderam apreciar naqueles anos a boa música de Luis Gonzaga, Augusto Calheiros, Marinez, Alcides Gerard, Genival Lacerda, entre outros.

Pombal realmente vivia uma outra temporalidade. Rapidamente os gostos e padrões de comportamento modificaram-se. As cenas dos filmes inspiraram beijos, juras de amor, traições. Mas também a moda foi fortemente influenciada pelos astros e estrelas de Hollywood.

Tornou-se comum às mulheres deixar a sobrancelha fina como a de Ava Gardner, ou tinturar os cabelos como Marylin Monroe. Entre os homens, Robert Taylor teve grande influência, o charmoso ator usava a camisa aberta deixando o peito a mostra, o que fazia grande sucesso com as garotas. Alguns marmanjos em Pombal, prontamente aderiram àquela moda, “obtendo sucesso imediato”, concluiu a Sra. Raimunda Santana Evaristo.

Mas as mudanças não param aqui. Logo surgiu/ chegou em Pombal uma enorme quantidade de produtos que prometiam transformar qualquer pessoa em um artistas de Hollywood. Assim, o simples fato de usar o mesmo sabonete que uma atriz usava teria o poder mágico de transformar qualquer pessoa em uma estrela. Era isso que os meios publicitários faziam questão de difundir (SOUZA, 2002).

Eu só usava coisas boas. Isso eu não posso negar. Eu via os modelos no cinema e quando ia ao Recife ia direto procurar. O filme inspirava a moda. E tinha as revistas: Manchete e O Cruzeiro. Nós ficávamos sabendo o que estava na moda, o que as atrizes de cinema usavam. Ai comprávamos só as coisas da moda. Tinha também um senhor (...) que era viado, ele entendia muito de moda. Sabia tudo o que as atrizes estava usando. Era muito vaidoso. Ai ele viajava e trazia cortes de vestido muito bonito. A loja dele era em casa, mas as coisas eram muito chiques (FELINTO, 2008).

Uma gama de supérfluos passou a fazer parte dos sonhos de consumo das jovens pombalenses. Assim, sonhava-se com perfumes, calçados, roupas, acessórios, móveis, automóveis, viagens, cigarros, bebidas, enfim, desejava-se ser igual a suas atrizes preferidas. Mas o desejo não se limitava ao uso de certos produtos. Também o comportamento de algumas moças pretendia ser igual ao das estrelas de Hollywood. Desejo esse, que era alimentado também pelas revista e periódicos que traziam páginas e mais páginas falando sobre as venturas e desventuras dos artistas nacionais e internacionais.

Nas ruas da cidade tornava-se freqüente ver beijos cinematográficos, prática antes muito rara, pelo menos em público. Além disso, tornaram-se mais freqüentes os casos de alcoolismo

entre os jovens e moças. Também cenas de ação aconteceram naqueles anos. Moças raptadas, triângulos amorosos, homens traídos, adolescentes grávidas, paixões avassaladoras... tudo isso, sem dúvida, influenciado pela indústria cinematográfica.

Em suas lembranças o Sr. Raimundo Formiga de Sousa guardou aquela triste imagem:

Claro que eu não estou dizendo que não tinha mulher que bebia. Tinha! Mas eu nunca tinha vista uma cena daquela [movimenta a cabeça num sentido de desaprovação]. A moça pegou no meu braço e disse: _Raimundo, você conhece.... E eu respondi: _ e num é você mulher. _Pois é, ela disse. Por favor me leve pra casa. Que eu não sei nem onde eu estou. Ai eu aponte e disse, _sua casa é pra lá. Não tem erro não. E ela saiu morta de bêbada. Eu não vou dizer que foi culpa do cinema, nem das revistas não. Isso é coisa da modernidade mesmo (SOUSA, 2008b).

Mas aquele caso não foi isolado. Nas praças da cidade, era comum encontrar também as moças “de família” e também os rapazes, fumando um cigarro Americano ou Alemão. Também não havia mais “cerimônia” para namorar. E embora sentar no colo dos rapazes ainda fosse um escândalo, “as moças mais liberais não estavam nem ai, sentavam-se e se agarravam mesmo! Elas eram mais danadas do que muitos homens”, lembra-se o Sr. Raimundo Formiga de Sousa.

Enfim, durante os anos de 1950, foram muitas as mudanças ocorridas em Pombal a partir da influência dos filmes exibidos nos cinemas. Mudanças que aconteciam não só na sala de projeção, mas em todas as esferas da vida cotidiana.